

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO

O SÉCULO

DE SANTA
RITA

Boas Festas

LEITORES amiguinhos, quer petizes
quer crescidinhos já,
o «Pim-Pam-Pum» e o «Século-Papá»
com um abraço e um beijo,
expressam seu desejo
de que todos tenhais festas felizes,

Que o Pai Natal, baixando do Infinito
entre sóis e estrelinhas,
deponha sôbre o lar da chaminé,
dentro das chinelinhas
dos meninos com Fé,
um «Bonito» que seja bem bonito!

■
NATAL DE

1 9 3 6

A GULODICE DÁ MAU RESULTADO

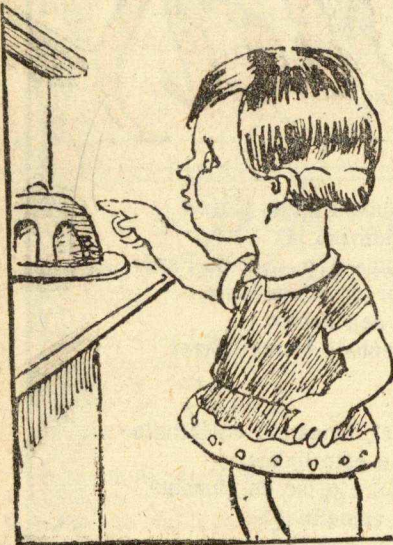
Por IDALINA CARVALHO RODRIGUES

A Luizinha era uma pequenita de seis anos travessos e buliçosos mas obediente e amiga de seus pais. Tinha, porém, um defeitozinho: — era um pouco gulosa.

A sua mãizinha fazia, de vez em quando, uns bolinhos tão apetitosos, que à Luizinha era precisa muita força de vontade para não fazer, ela própria, a divisão que lhe convinha, isto é: todos para ela. Mas, por respeito à mãizinha, não se atrevia a ir tirar o que lhe era proibido.

No dia em que completou 6 anos, a Mãe, a ocultas, fez um pequeno pudim para lhe oferecer e foi escondê-lo na despensa para, ao jantar, fazer uma surpresa à sua pequenita.

Com o fero especial que tem os gulozinhos, à Luizinha não escapou



aquele delicioso cheirinho a doce, vindo da despensa. Logo pensou que boa coisa devia lá estar, e, assim que se lhe proporcionou ocasião de lá entrar, para lá se encaminhou muito sorrateira, de narizinho no ar.

A' vista do belo pudim, ficou encantada. — «Mas que lindo!» — exclamava ela — «deve estar uma delícia! Cheira tão bem!»

E crescia-lhe a água na bôca, só de pensar no bom sabor que devia ter o pudim. Mirava-o e remirava-o, até que, não se podendo conter, foi tirando com o dedo um pouquinho.

— «E' só para provar!» (dizia ela). Mas tanto provou que, dentro em pouco, estava o prato vazio!



Então, é que se apoquentou deveras pelo que tinha feito.

— O que diria a mãizinha? Certamente lhe ralharia, e talvez a castigasse! Não, ela não devia ter medo no bolo! E a Luizinha, muito aprensiva, saíu da despensa.

A' tarde, quando a mãe resolveu ir buscar o pudim, ficou muito surpreendida por só deparar o prato e, como as coisas por si só não desaparecem dos sítios onde as põem, logo pensou que tinha havido mãos no caso. Mãos... e bôca.

Sabia que a filha tinha grande predilecção por doces; chamou-a, portanto, e perguntou-lhe se tocara no pudim. A pequenita, muito comprometida, ia a confessar a verdade mas, nessa ocasião, o Bóbi, cão inteligente e seu companheiro nas brincadeiras, veio deitar-se a seus pés.

Então, à Luizinha ocorreu-lhe um mau pensamento e, à pergunta da mãe, respondeu muito desembaraçada: — «Eu não, mãizinha, nem sequer vi o pudim! Mas, espere, já sei quem foi o culpado! Eu vi o Bóbi saír da despensa, a lamber-se muito satisfeito; certamente foi êle que comeu o pudim!»

E para que à mãe não restasse dúvida alguma da sua pretendida inocência, dirigindo-se ao Bóbi, disse-lhe numa voz severa: — «Os gulosos merecem castigo!» e, mostrando o prato vazio, deu duas palmadas no focinho do pobre Bóbi, que nem sequer tinha visto o famoso pudim.

O pior foram os remorsos que sen-

tiu, depois, a Luisinha! O seu amiguinho, sempre tão pronto para todos os seus caprichos, ser acusado de guloso e castigado pela verdadeira culpada! Esteve para contar à mãe a verdade mas faltou-lhe a coragem e pensou que não tornaria a ser gulosa, pois, por o ter sido, praticara tão feia accção, da qual estava deveras arrependida.

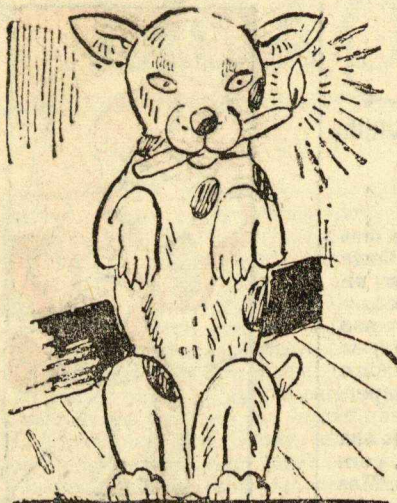
Passado algum tempo, a avó da Luizinha, que vivia na província, veio passar o seu aniversário junto dos entes queridos. Houve muita alegria, muita festa, e os pais da pequenita encomendaram um belo bôlo para oferecer à querida vèlhinha, ao qual não faltavam as respectivas velas, cujo número representava a idade da avózinha.

A Luizinha achou muita graça ao bôlo, assim enfeitado. Andava a mi-



rá-lo com admiração mas sem propósito algum de lhe mexer, pois que se emendara.

Porém, outros olhos cubiçosos fitavam o bôlo com curiosidade. O Bóbi, que nunca vira um bôlo semelhante, andava de volta da mesa a farejá-lo. O que o intrigava, eram as velas. E, curiosidade de cão, querendo ver mais de perto o bôlo, subiu para cima da mesa. Todavia, não se limitou só a vê-lo; pensou que provar aqueles pauzinhos exquisitos devia ser agradável, e zás... ferra uma dentada numa vela mas logo a largou, pelo facto de a ter achado bastante desagradável. Admirou-se, então, de ter visto a Luizinha olhar o bôlo com olhos gulosos



e pensou que devia ser a rodela, ou seja o bôlo, o que tanto atraía os olhares da sua pequena dona.

Lambeu-o, primeiramente... / Soube-lhe tão bem que, dentro em pouco, uma parte do bôlo tinha desaparecido. Retrou-se apressadamente, assim que sentiu passos, Escondeu-se debaixo da mesa e ficou à espera dos acontecimentos. O Bóbi era esperto!

Entretanto, deram pela proeza. A Luizinha, muito admirada, olhava o bôlo sem compreender. — Então, havia na casa outro guloso? — pensou ela. Mas logo viu o Bóbi a fazer-se pequenino para passar despercebido talvez, e compreendeu então.

A mãe da Luizinha, logo disse indignada: — «Aqui está outra maldade do Bóbi! Está insuportável por ser guloso! Desta vez não lhe perdôo; vou dá-lo a uma amiga que tem uma quinta, e, assim, já não dará mais sabores com a sua gulodice!

Então, a Luizinha, ante a perspectiva de a separarem do seu amiguinho e lembrando-se, ao mesmo tempo, que podia agora resatar a feia acção que um dia praticara, acusando e castigando inocentemente o Bóbi, aproxi-

mou-se da mãe e disse-lhe: — «Não mande embora o Bóbi! Fui eu quem comeu o bôlo!»

O pai olhou-a severamente e disse-lhe: — «Estou muito descontente contigo, e vou castigar-te: — Ficarás fechada no teu quarto o resto do dia e não assistirás ao jantar de festa!»

«Então, Luizinha, cheia de vergonha, retirou-se, seguida pelo Bóbi, como se este compreendesse a abnegação da sua pequenina dona e lhe quizesse agradecer com a sua companhia. A pequenita afagou-o e vendo o olhar triste do animal, como a pedir-lhe perdão, disse-lhe: — «Eu mereço o castigo, Bóbi! — Lembras-te quando eu te acusei e bati, dizendo que tinhas comido o pudim, quando, afinal, tinha sido eu? Resgatei a minha maldade e fico satisfeita. (Depois, acrescentou muito séria: — Mas não tornes a ser guloso! Eu emendei-me. A gulodice dá mau resultado!» terminou, sentenciosamente.

Não sei se o Bóbi compreendeu as palavras de Luizinha. O que é certo é que nunca mais teve a curiosidade de provar os bôlos, por mais exquisitos que eles fossem!



MENINO JESUS

Por MARIA DINIZ MARTINS

MENINO Jesus,
Rosado bambino...
Que lindo que sois!
Que lindo menino!

Nascido em palhinhas
— Jesus pobrezinho —
Podendo nascer
Em berço divino!

— Ai, quantos meninos
— Pobrinhos, também...
Por berço, o regaço
Só têm da Mãe! —

Exemplo de Amôr
E virtude tanta;
Nos deu sua Mãe...
Que é a Virgem Santa!

Na sua nudez
Jesus é tão lindo...
Mas veste-o de Luz,
O Luar infindo ..

Os beijos da Virgem,
Brandos, tão suaves...
São gorgeios ternos,
Doce canto de aves!

E a vaquinha benta,
Junto à mangedoura,
As palhinhas chega
A Nossa Senhora...

P'ra lhe dar calôr
E ao Menino-Deus,
Vai-os envolvendo,
Nos hálitos seus!

Menino Jesus,
Rosado bambino...
Que lindo que sois!
Jesus pequenino!..

ANEDOTAS DO GREGÓRIO

Por MANUEL FERREIRA

Cá temos, hoje, o nosso amigo Gregório, muito conhecido em todo o Portugal, pelos seus ditos mais ou menos interessantes.

* * *

Quando era pequenino, Gregório brincava no jardim e sujava as mãos de terra.

A mamã, D. Vicência, certa tarde, chamou-o para a m-renda. Gregório não se fez esperar.

D. Vicência olhou para as mãos do seu menino e disse-lhe:

— «Então, com essas mãos é que vais comer bôlos?»

Gregório responde, muito admirado:

— «Oh, mamã, mas eu não tenho outras...»

* * *

Como Gregório não mostrasse muita inteligência para o estudo, o papá colocou-o, como criado, num hotel.

Certa noite, um hóspede disse-lhe:

— «Você acorde-me, amanhã, às 6.

(Continua na página 7)

NATAL

Por MANUEL FERREIRA

NUMA casinha dos arredores da Covilhã, vivia a Engrácia do Moleiro com uma filha — a Ermelinda — linda pequenita de oito primaveras. Viviam

sós. O Zé Moleiro dormia o último sono à som-

bra dos ciprestes. A pobreza nunca lhes desamparava a porta. Engrácia trabalhava no campo, de sol a sol, a-fim-de dar algum conforto à sua querida Ermelinda.

Esta era um verdadeiro anjo. Boa como nenhuma outra, chegava a ir deitar-se com vontade de comer, só para dar a ceia a algum pobrezinho que batesse à sua porta, enregelado e faminto.

A mãe, embora muito sua amiga, censurava-lhe, contudo, as suas esmolas. Mas Ermelinda respondia, inventando mentiras:

— «Não se incomode, mãezinha. Dei a minha ceia ao



pobre porque já comi em casa da tia. Como Nosso Senhor nos disse fizessemos bem a todos...»

Nessa noite de Natal, a neve caía farrapos.

Em casa da Engrácia, esta e a filha ceavam a pobre consoada, quando bateram à porta.

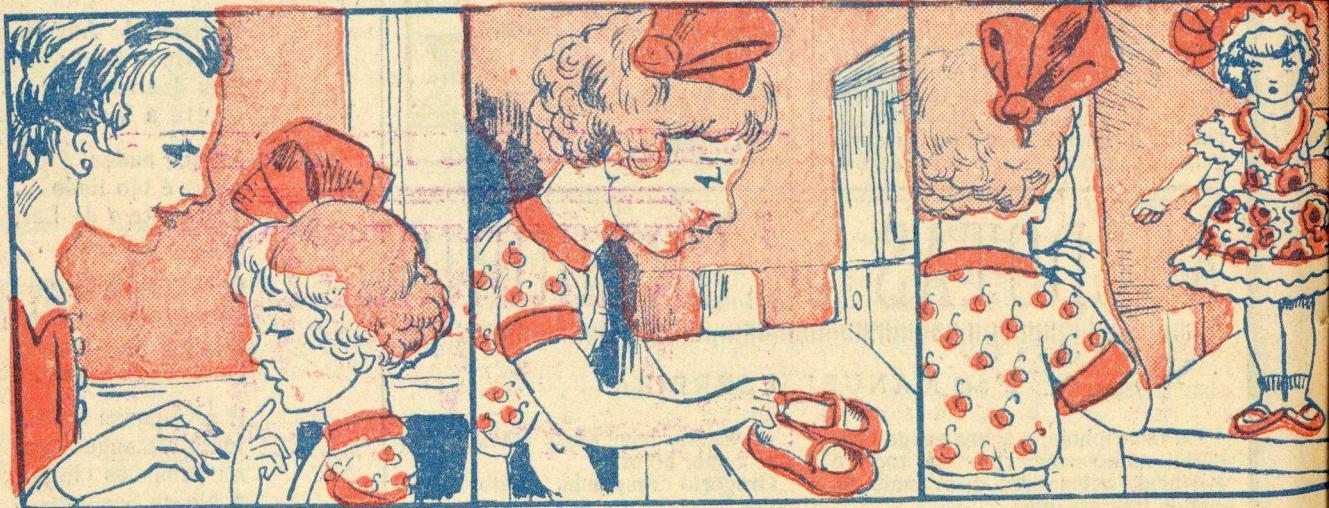
— «Vai ver quem é, Ermelinda. Que baterá, a estas horas? Alguém fugido temporal e à neve...»

Ermelinda foi abrir e, na sua fresta viu um menino loiro e lindo. Vestia fato grosseiro de pastor. À cinta, trazia uma cabaça, e, à ilharga, um bernal.

(Continúa na página 6)



PARA DEUS NÃO HA IMPOSSIVEL



Zequinhas disse aos paizinhos: — «Desejava que Jesus puzesse em meus sapatinhos uma boneca de trús.

Boneca do meu tamanho... Mas como pode isto ser se outros sapatos não tenho onde ela possa caber?»

Vendo o seu ar indeciso, mixto de mágoa e candura, volve-lhe a Mãe num sorriso pleno de Amor e Ternura:

— «Filha, aqui, na chaminé, teus sapatinhos porás... Para Jesus nada é impossível; tu verás!»

Rompe, enfim, o Dia-Santo... Zequinhas, corre à lareira... E qual não é seu espanto ao deparar, prazenteira,

uma formosa boneca maior do que ela, talvez, com os sapatos da Zeca calçados nos próprios pés.

A LIÇÃO da BORBOLETA

Por FRANCISCA DO CARMO COSTA

ESCUTA, meu filho: — disse, brandamente, a mãe de Alberto. Tu telaste em ir brincar com a terra molhada do quintal, lembra-te bem. Estavas sujo. Ficaste muito feio. Quasi te não conhecia. Se um anjo te visse, muito longe, poderia dizer assim: — «Ih! Que sapo tão grande, ali, aos saltinhos!...» Que vergonha! O meu filho tomado por um bicho tão feio! Para que não voltes a fazer a mesma figura, toma sentido nesta pequena história:

Um dia, uma borboleta preguiçosa, não quiz voar com as suas companheiras para só pousar onde melhor lhe parecesse.

Como deves ter visto, as borboletas costumam somente pousar sobre as flores. A borboleta preguiçosa, teimava que não seria assim. Iria pousar onde melhor lhe apetecesse, sem fazer caso da mimosa missão para que fóra criada, que é justamente viver junto das mais lindas flores.

E era teimosa!

A preguiça leva, logo, a estas cousas: A' teimosia e ao desejo de alterar o costume, para favorecer os caprichos dos preguiçosos.

Então, uma das mais lindas borboletas, a melhor de todas, porque era a mais perfeita, deu esta lição à borboleta preguiçosa, na linguagem que só elas entendem e que os poetas sabem escutar:

— «Tu queres viver como vive o sapo? Não queres gozar a alegria de voar e de descansar continuamente sobre as flores, porque a indolência te faz gostar mais de andar aos pulinhos sobre a terra húmida, e talvez sobre a lama dos charcos, escolhendo os lugares onde não chega a luz do sol?»

Pobrezinha de ti! Deixaste de gostar da luz e das flores. Estás no caminho de perder o amor das cousas belas! Cega-te o capricho e, assim, não podes ver o perigo que te aguarda. E' o mal de ficares horrivelmente feia...

A pouco e pouco, perderás o brilho das tuas asas e as finas cores que fazem de ti um dos mais lindos insectos e acabarás por assimilar o tom pardo, sujo, dos sapos, das toupeiras e de todos os animais que gostam dos lugares escuros e lamacentos. E não sabes porquê?

Porque há um segredo que só Deus conhece, pelo qual todos os seres vivos acabam por tomar a feição daquilo que mais amam e a semelhança com a imagem do meio que mais frequentam. E' tal qual assim como te digo.

Os ursos são pardos ou brancos, conforme o lugar onde habitam.

Os que vivem nas grandes planícies geladas, são brancos, da cor da neve.

Os que se escondem na densa folhagem das florestas, são pardos.

Os morcêgos, que só gostam da noite, são escuros. Voam, mas como habitam em buracos e lugares subterrâneos, se não fossem as asas seriam tal qual como os ratos.

O mesmo acontece connosco, as borboletas. A nossa beleza é filha do nosso amor e da nossa convivência constante com as flores.

As nossas asas têm a forma de pétalas ou de folhas. A cor das nossas asas são a lembrança do nosso amor pelas cores variadas das flores em que pousamos.

E até os recortes e os olhinhos, de várias cores, que aumentam a beleza das nossas asas, são, também, a mimosa lembrança dos jogos de luz do sol, brincando sobre as flores, através dos intervalos e das sombras da folhagem.

Ai! minha pobre borboleta transviada!

Se abandonas o convívio e o amor das flores e trocas o lindo fogo dos raios solares, ora escondendo-se ora aparecendo por entre a folhagem, para graciosamente mimosear as flores, pela terra molhada e os lugares escuros, ficarás mais feia de que o sapo ou o morcêgo.»

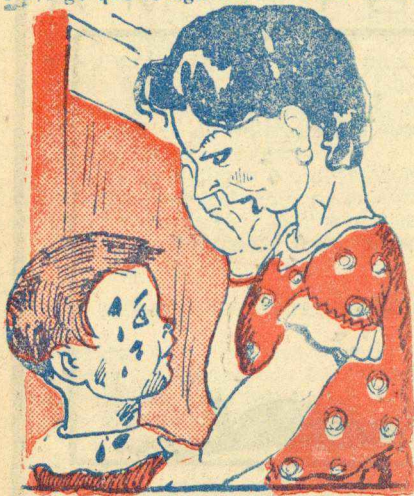
— «O mesmo acontece, também, meu filho, com os meninos que esquecem os bons conselhos e se afastam do convívio com as cousas belas.

Também os meninos e as pessoas crescidas, acabam por ser a imagem das cousas que mais contemplam e dos pensamentos que mais amam.»

— «Mãe, mamãzinha — (interrompeu o Albertinho, muito enternecido.) — Essa história é muito linda!

«Eu não voltarei mais a estar sujo como o feio sapo nem a ser desobediente como a caprichosa borboleta.»

— «Dás-me uma grande alegria, querido filho, prometendo-me corrigires-te. Deus te terá ouvido e não deixará que tu sejas feio, pois já te inspirou uma tão linda promessa...»



O CESTINHO da COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS

Por ABELHA MESTRA

Minhas queridas Abelhinhas:

Natal!... Ano Novo!... Reis!...
Enternecedora quadra que tantas festas lindas encerra!
Chegámos ao tempo em que a todos é grato oferecer
uma lembrança às pessoas queridas, amigas e, também,
até, aos pòbrezinhos.

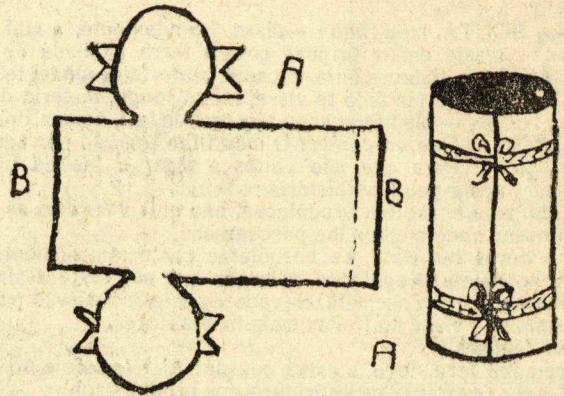
Nunca vos esqueceis deles, minhas Abelhinhas!
O modelo da caixinha, que vos ensino a fazer hoje,
é destinado a êsse fim. Depois de concluídas estas caixi-
nhas e de ficarem cheias de guloseimas, tereis um presente
económico, bonito, e de grande valor pelo facto de ter
saído das vossas mãozinhas.

Arranjam um pedaço de cartão branco ou de côr e
cortam exactamente como a gravura indica.

As duas peças circulares, unidas ao corpo principal da
figura, são o fundo e a tampa da caixa.

O corpo principal enro.a-se e pega-se (A-A) e em
seguida dobram-se os discos das extremidades.

Umás fitas atadas da forma que se vê no modelo, ser-
vem para lhe dar maior estabilidade, se o cartão fôr fraco.

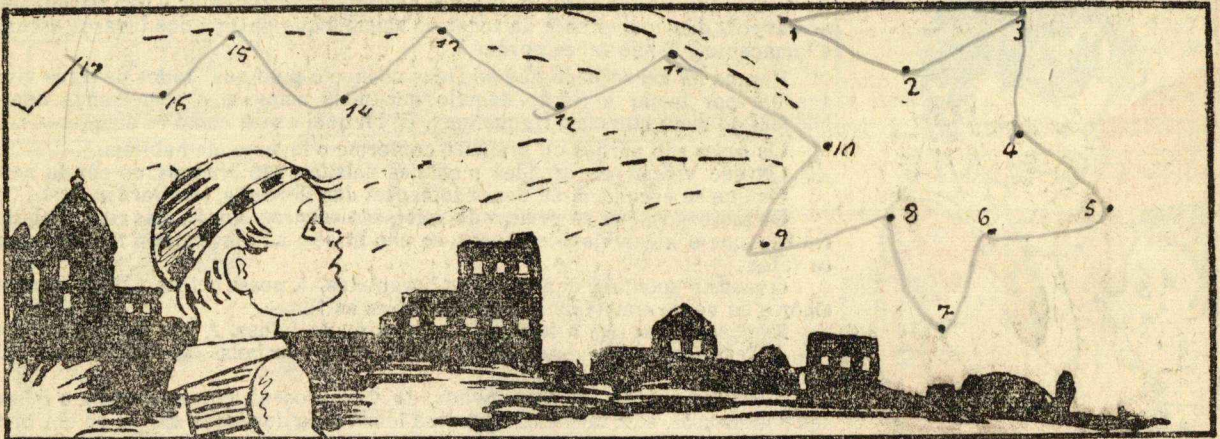


Ficam muito mais bonitas se as guarnecerem com
cromos finos ou flores pintadas à mão.

Para com toda, desejo que o Menino Jesus seja muito
generoso e vos dê um Natal muito feliz a vossa amiguinha

Abelha-Mestra

A DIVINHA PROBLEMA



O que estará este menino a vêr?!...

Se querem ficar sabendo, unam, com um tracejado, os pontos numerados.

NATAL

(Continuação da pag. 4)

mãos, muito brancas e finas, segu-
rava um bordão. Os cabelos avultava-
ram sob o carapuço.

Todo êle vinha coberto de neve.

Falou, humildemente:

— «Perdi-me na serra, minha men-
nina. Não sou daqui. Minha aldeia é
muito afastada. Apascentava o meu
rebanho mas o temporal espantou as
ovelhas, que fugiram em tôdas as di-
recções. Eu tentei juntá-las. Fez-se
noite... Quis voltar para casa mas
enganei-me no caminho. Se me desse
pousada, esta noite...»

Engrácia, que se aproximara, olhava,
embevecida, para o pastor.

A filha interveio:

— «Mãi, deixe entrar o pòbrezinho.

Êle é tão bonito! Parece o Menino
Jesus da nossa capelinha...»

O pastor sorriu-se. Engrácia disse:

— «Entre. Sente-se à mēsa. Tem
fome, não é verdade?»

— «Alguma.» — respondeu o peque-
no, envergonhado.

— «Então, coma. É jantar de pobres
mas, com boa vontade, há de chegar
para todos.»

O pastorinho tirou o carapuço, o
bernal e a cabaça e encostou o bordão
à lareira. Ao sentar-se à mēsa, rezou
uns breves instantes. Depois, serviu-se
com uns modos tão finos e distintos
que mais parecia um príncipe distar-
çado.

Quando acabou a ceia, Engrácia
foi mostrar ao pastor o quarto que
lhe destinava.

— «É um quarto que temos sempre
para os pobres. Ne-tas noites tão frias,
deve ser muito desagradável ficar
ao relento...»

O pequeno sorria sempre, agrade-
cendo tôdas aquelas atenções.

Deitaram-se todos. Lá fóra, a neve
continuava a cair.

Ermelinda, antes de se deitar, disse:
— «Vou pôr o sapatinho na cha-
miné. Talvez o Menino Jesus...»

— «Era bom, minha filha. Mas o Me-
nino Jesus não dá brinquedos aos pò-
brezinhos.»

Alta noite, Ermelinda acordou. Ou-
viu barulho na lareira.

Disse, de si para si:

— «Querem ver que é o Menino
Jesus? Vou à cozinha, espreitar...»

Assim fez. E viu o pastorinho da

REFERÊNCIA AUXILIAR

Temos presente a maior igreja que se ergue em Portugal. Fica situada numa formosa vila extremenha, considerada como a primeira região pomicola do país.

Começou a sua construção no ano de 1148, sendo concluído o mosteiro, a que a igreja diz respeito, em 1222, no reinado de D. Afonso II. Foi esta consagrada a Nossa Senhora da Assunção.

Em soberbos túmulos, obras primas de escultura medieval, repousam os restos de D. Pedro I e de D. Inês de Castro e ainda os de D. Urraca, D. Beatriz, D. Fr. Pedro Afonso, irmão de D. Afonso Henriques, D. Afonso II e D. Afonso III.

Os destes dois últimos e os de D. Urraca e D. Beatriz, foram abertos por D. Sebastião em 1569. O de D. Inês não se pôde abrir. Em 1704 houve nova tentativa, mas pelo arquiduque Carlos de Austria, sem resultado. Em 1810, quando da invasão francesa, lograram os invasores abri-lo, bem como ao de D. Pedro.

A sacristia deste monumento foi reedificada no reinado de D. Manuel pelo architecto João de Castilho. Na sala dos reis encontram-se os retratos de todos os monarcas portugueses até D. Maria II.

Quando saíram os frades, despojaram a igreja de quadros valiosos, sendo levada a efeito, com muitos deles, uma galeria de pintura na Academia Real das Belas Artes. Da sacristia foram retirados, também, muitos objectos de valor, para o Museu Nacional de Belas Artes.

Fidalgos distintos e outros homens de armas se recolheram no mosteiro, tendo enriquecido, muitos deles, a literatura portugueza com os seus escritos.

véspera, com uma túnica azul e a cabeça resplandecendo com uma auréola de luz, a pôr brinquedos e sacos com dinheiro junto do sapatinho.

Na cozinha, havia uma claridade divina.

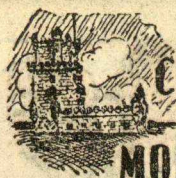
Ermelinda ficou maravilhada e ainda mais quando o menino se dirigiu a ela, dizendo:

— «Quem dá aos pobres, empresta a Deus. O Menino Jesus paga, assim, a hospedagem desta Noite de Natal.»
E desapareceu, envolto numa nuvem.

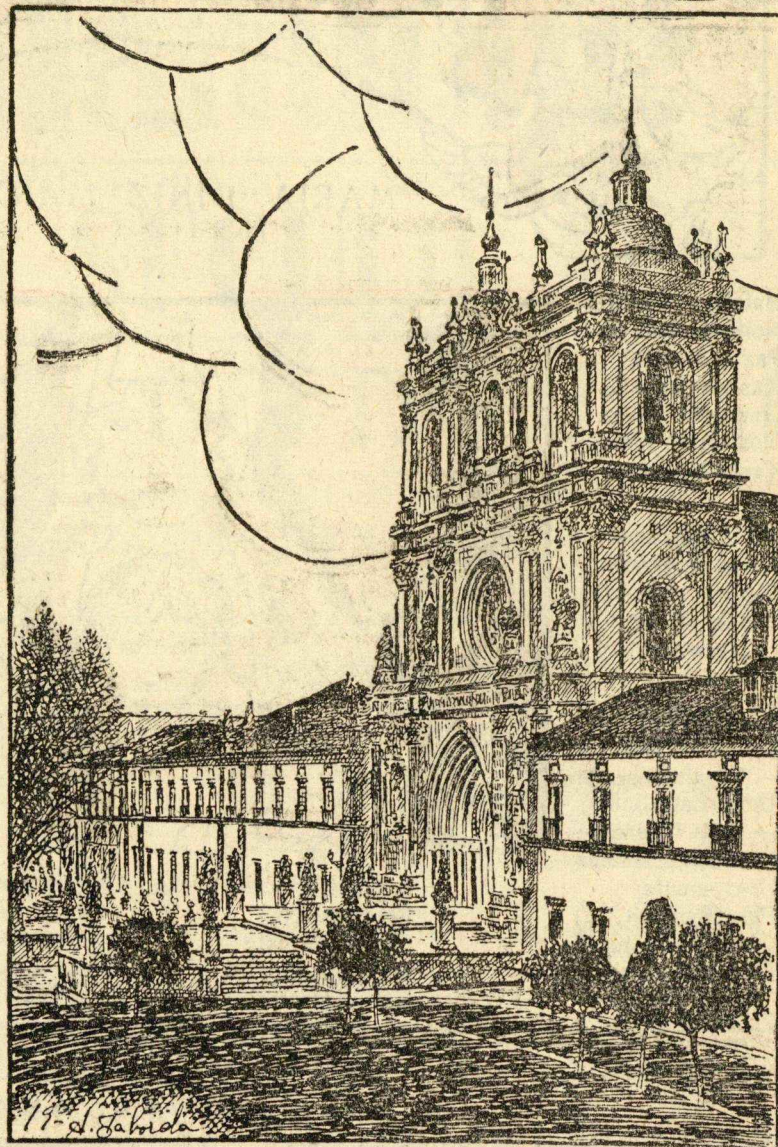
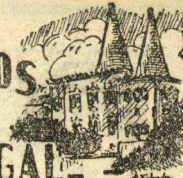
Ermelinda foi acordar sua mãe. Quando Engrácia se acercou da lareira, julgou tudo aquilo um sonho.

O pastorinho era o Menino Jesus, que fez, deste modo, um suave milagre.

F I M



CONCURSO DOS PALACIOS E MONUMENTOS DE PORTUGAL



ANEDOTAS DO GREGÓRIO

(Continuação da página 3)

Não se esqueça... Veja lá... Tenho de tomar o comboio...

— «Sim, senhor. Pode estar descansado.»

Gregório adormeceu. Quando acordou eram já 8 horas.

Levanta-se e bate à porta do tal hóspede:

— «E' o senhor quem tem de tomar o comboio das 6!»

— «Sou. Já são horas?»

— «Venho dizer-lhe que pode dormir descansado, porque o comboio já partiu.»

Uma vez, o nosso homem encontrou o dono do hotel, no jardim.

O patrão vinha a ler um romance. Gregório pediu-lhe:

— «O senhor não me poderia emprestar esse romance para eu ler nas horas vagas?»

O patrão emprestou-lhe o livro. Daí a dias, Gregório veio fazer novo pedido ao patrão:

— «O senhor não me poderia dar algumas horas vagas para eu ler aquele romance que me emprestou?»

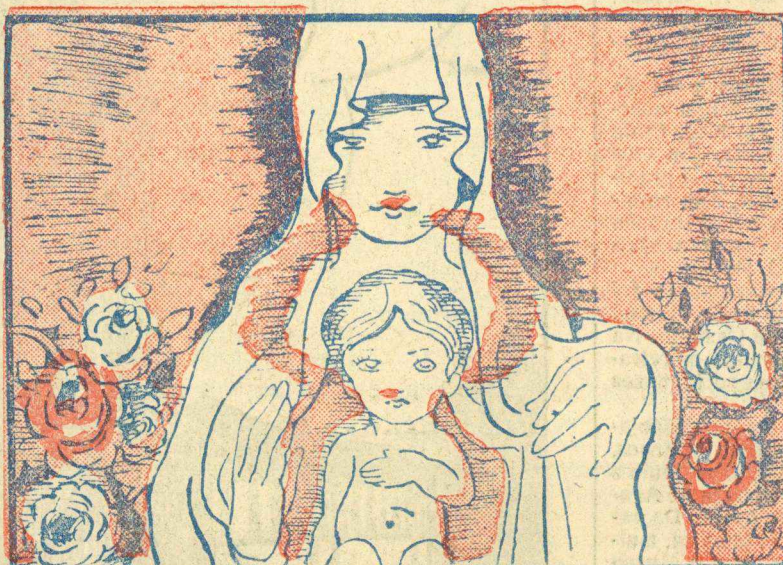
Natal

POR
MARIA DINIZ MARTINS

Natal!... Natal!...
Noite de luz...
Paz e doçura:
Nasceu Jesus!...
Que doce calma
Nos traz à alma,
Tanta Ventura!

Noite de ricos!
Noite de pobres!
Plebeus ou nobres...
Vinde saídar
O Deus-Menino!

Vêm de longe,
Lá do Oriente,
— (Seguindo sempre
Uma «Estrelinha»,
— Pura luzente —
Que os encaminha,
Suavemente,
Para Bethlem...)
Os três reis magos,
Com seus afagos...
Trazem incenso,



A mirra e o oiro;
Rico tesoiro,
Como presente
Ao Deus-Menino
E à Virgem Mãe!

Os pastorinhos
Vêm apressados...
Com cordeirinhos,
Frutas e ovos;
Carregadinhos,

Nos cestos lindos,
Nos cestos novos.

Dançam e cantam
Tocam viola...
Doce alegria...
Bem que os consola!

Jesus sorri,
Sôbre palhinhas;
Junto da Mãe...
Entre ovelhinhas
E S. José...
Com a vaquinha
Ali ao pé...

«Noite de Festa»...
Natal!... Natal!...
Ai, como esta
Não há igual!

F I M

PARA A ÁRVORE DO NATAL

Por JOSINO AMADO

Ao regressar da escola um pequeno estudante
Ditoso, saltitante,
Por uma tarde agreste,
Chega ao lar maternal.
Deram férias e traz, para mostrar aos pais,
Os trabalhos manuais
Que fez com o seu mestre
P'rá festa do Natal.

De madeira e cartão, produtos dos seus dedos,
Que formosos brinquedos
De alegre colorido,
Um encanto, um primor!
Beijando a mãe que aperta ao seio o seu menino,
O artista pequenino
Segreda-lhe ao ouvido,
Baixinho, com amor:

— «Dá-me licença, ó mãe, que eu dê alguns bonitos?...»
Fitando-o nos olhitos,
A mãe, a meditar,
Num gesto concordou.

O pequeno safu e a mãe pensa, intrigada:
— «A filha da morgada
Aposto que vai dar
Aquilo que levou.»—

Passado pouco tempo, o jovem escolar,
Um sol a rir no olhar,
Voltou ao pé da mãe,
Que o prende contra o peito,

Dizendo-lhe risonha: — «A quem é que tu deste
As prendas que fizeste?» —
E já seu qu'rido bem
Responde satisfeito:

— «Fui depô-las nas mãos das duas pobrezinhas,
Malfadadas criancinhas,
Que vêm num lamento
A pedir-nos esmola!...»—

A mãe, ouvindo ao filho a confissão sentida,
Olhou-o, embevecida,
E disse em terno acento:
— «Oh! quanto vale a escola!»